

## APRESENTAÇÃO

Neste seu número 4, *Sociologia & Antropologia* dá continuidade a esta que vai se desenhando como uma das suas contribuições próprias ao debate das ciências sociais no Brasil, que é a apresentação de um subconjunto de artigos que procuram recolocar o pensamento de autores conhecidos em discussão, ou apresentar autores menos conhecidos do público brasileiro. Este é o caso do linguista e antropólogo Edward Sapir, ainda muito pouco incorporado à nossa antropologia, aqui apresentado por José Reginaldo Santos Gonçalves em artigo que discute a noção de cultura de Sapir e também em entrevista com Richard Handler, professor da Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos, e um dos editores das obras completas de Sapir. Além disto, os leitores poderão entrar em contato diretamente com este autor no artigo “Cultura: autêntica e espúria”, que publicamos na sequência.

O número conta também com os artigos “O quê há de especificamente sociológico na teoria do reconhecimento de Axel Honneth?”, de Luiz Gustavo da Cunha de Souza, e “Multiculturalismo, identidades discursivas e espaço público”, de Paula Montero, que colocam em discussão, cada um a seu modo, duas das abordagens mais influentes, e também polêmicas, do presente.

Uma das áreas mais tradicionais das ciências sociais em suas vertentes latino-americanas, a sociologia do trabalho, é revista no artigo de Marcia de Paula Leite. E a nova socioantropologia do desenvolvimento é apresentada por Marcelo Sampaio Carneiro.

Nelson do Valle Silva e Maria Ligia de Oliveira Barbosa analisam, por sua vez, algumas representações dos brasileiros sobre seu processo de escolarização (avaliações e lembranças sobre escola e professores) e suas relações com a objetivação dessas representações em trajetórias escolares diferenciadas (níveis de desempenho escolar dos entrevistados). E concluem que a escola ainda não foi capaz de reduzir substancialmente os impactos da origem social dos alunos sobre o seu destino.

Em seu artigo, Angela de Castro Gomes recoloca em discussão um dos intelectuais brasileiros mais influentes, Azevedo Amaral, em nova chave de

leitura que permite a ela qualificar aspectos decisivos do processo social mais amplo de circulação e apropriação de ideias e, no caso, rever o modelo corporativista de organização do Estado e da sociedade no Brasil dos anos 1930/40. Também explorando as interfaces da história com as ciências sociais, Guenther Roth apresenta em seu artigo a história de Cornelio Souchay, um imigrante alemão que chega a Havana em 1807, vive uma relação amorosa com mulata haitiana livre e se torna proprietário de uma fazenda de café exemplar, fazendo uso, com sutileza, do cálculo racional para maior eficiência do sistema de dominação.

Heloisa Pontes e Sergio Miceli discutem memória e utopia na sociedade brasileira da década de 1950 por meio das relações entre dramaturgia e experiência social, comparando peças de Jorge Andrade a *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri. Por fim, João Marcelo Maia analisa as diferentes fases na recepção da obra do sociólogo Alberto Guerreiro Ramos com o objetivo de entender as mudanças na sua reputação intelectual. Lembramos aos leitores que neste ano completam-se 30 anos da morte desse importante sociólogo brasileiro, que permanece instigando a nossa imaginação.

Como registro de pesquisa, Karina Kuschnir apresenta a trajetória e os valores de um grupo internacional que se autodenomina “desenhadores urbanos” (*urban sketchers*), num projeto que valoriza o desenho como uma forma de olhar, conhecer e registrar a experiência de se viver em cidades. E Daniela Stocco resenha o livro *Ensaio sobre moda, arte e globalização cultural*, de Diane Crane, publicado em 2011, chamando a atenção para o ponto de vista da autora de que moda e a arte devem ser analisadas enquanto formas de cultura material, que produzem e transmitem significados culturais.

Duas perdas sentidas por toda a comunidade de cientistas sociais são aqui registradas: a de Antônio Flávio Pierucci, cujos trabalhos ajudaram a modelar a área da sociologia da religião entre nós, e de Fernando Correia Dias, que se dedicou ao estudo da produção intelectual e literária brasileira moderna. A eles nossos agradecimentos pela inestimável contribuição às ciências sociais, e aos leitores nossos votos de boa leitura, esperando que apreciem mais este número de *Sociologia & Antropologia*.